

LETRAMENTO LITERÁRIO: UM PERCURSO À PRÁTICA DOCENTE

Claudinécia do Prado Souza

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Larissa Felicidades dos Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Zeneide Paiva Pereira Vieira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Este trabalho pretende apresentar um relato de experiência das atividades realizadas no Programa Residência Pedagógica – Subprojeto de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. O relato é embasado no levantamento do debate a respeito da importância do letramento literário, isto é, da formação de leitores como um fator determinante na prática docente, aliado a um ensino de Literatura que rompe com o distanciamento do aluno e com o olhar elitista cultural para a disciplina e seu objeto de estudo. Para o desenvolvimento do trabalho, foram revisitadas leituras das áreas de Educação, Literatura e Teoria Literária feitas ao longo da graduação, as quais atuaram como parâmetros teóricos para o planejamento e aplicação das atividades de regência do programa.

Palavras chave: Ensino. Letramento. Literatura.

Introdução

Este trabalho apresenta as contribuições do primeiro módulo de acompanhamento educacional por meio do Subprojeto em Língua Portuguesa – ensino médio, do Programa Residência Pedagógica/UESB, 2020/2021. As atividades foram desenvolvidas com duas turmas do primeiro ano de um colégio técnico da cidade de Vitória da Conquista, como proposta complementar ofertada aos alunos de maneira extensiva e apoiada na participação voluntária dos estudantes.

O primeiro módulo foi um planejamento conjunto envolvendo todos os residentes e fundamentado em dois eixos temáticos: linguagens verbo-visuais, a partir da leitura e interpretação dos gêneros e tipos textuais, por meio de atividades lúdicas, resolução de exercícios e produção textual; e o trabalho com a literatura, por meio da apresentação de filmes, obras literárias e exposições didáticas. Neste estudo iremos abordar os trabalhos desenvolvidos a partir do segundo eixo temático, focalizando as aulas dedicadas à matéria que trata sobre a importância da literatura nas salas de aula e na vida dos sujeitos, bem como o trabalho com os

clássicos literários. Essas aulas apoiaram-se no debate em torno do qual constitui um enorme desafio aos graduandos dos cursos de Letras, a saber: a importância da literatura no ensino básico, aliada aos processos educacionais da formação de leitores.

Na primeira seção deste artigo apresentaremos uma reflexão sobre algumas contribuições teóricas para o ensino de literatura na educação básica, tendo como foco o estudo da literatura cuja ênfase recai nas obras literárias. Em seguida faremos um percurso metodológico sobre o letramento literário. Finalmente, nas últimas seções serão apresentados a abordagem didático-metodológica realizada no primeiro módulo das atividades desenvolvidas por meio do Programa Residência Pedagógica e a exposição de alguns depoimentos dos estudantes que participaram das aulas.

A literatura no ensino básico, contribuições teóricas

Os estudos sobre literatura são aprofundados nos bancos universitários e nas cadeiras das salas de aula da educação básica, principalmente no ensino médio. Para atender a uma demanda curricular, por vezes, o ensino básico acentua questões de ordem correspondentes à história da Literatura Brasileira e suas raízes advindas dos primórdios da Literatura Portuguesa. Assim é que, por razões de estudos linguísticos ou para se compreender determinadas questões sociais pertinentes aos períodos literários – seja pelo estudo da cultura ou da vida do autor –, são definidas as proposições dos estudos literários na educação básica.

Desta evidência depreende-se um fator pragmático sobre o ensino de literatura nos currículos escolares: o utilitarismo destes estudos para a realização de concursos como vestibulares e Enem. Por outro lado, tal pragmatismo literário nas escolas concorre para que o uso das obras literárias seja concebido em função do deslocamento da obra em si, para que se chegue a respostas cujo intuito seja de interpretação dos fatores sócio históricos do período a que a obra se refere; ou de simplesmente recolher informações do texto para entender funções estilísticas, ou mesmo sintáticas.

Ao depararmos com esses aspectos, fundamentaremos nosso estudo com as contribuições de Tzvetan Todorov (2009), o qual irá desenvolver uma reflexão a partir da situação cujo foco volta-se para o ensino da disciplina de Literatura sob a perspectiva não do objeto literário, mas na ênfase à disciplina; isto é, nos métodos de análise, nos períodos históricos e não nas obras literárias. Segundo Todorov:

Em sua aula, na maior parte do tempo, o professor de literatura não pode se resumir a ensinar, como lhe pedem as instruções oficiais, os gêneros e os registros, as modalidades de significação e os efeitos da argumentação, a metáfora e a metonímia, a focalização interna e externa etc. Ele estuda também as obras. Mas descobrimos aqui uma segunda inflexão do ensino literário. [...]. Todavia, as questões que os alunos deverão tratar nos exames, [...], são, em sua grande maioria, apenas de um tipo. Elas se referem à função de um elemento do livro em relação à sua estrutura de conjunto, dispensando o sentido desse elemento e também o sentido do livro inteiro com relação ao seu ou ao nosso tempo. Os alunos serão interrogados sobre o papel de tal personagem, de tal episódio, de determinado detalhe na busca pelo Graal, mas não sobre a própria significação dessa busca. Serão feitas questões sobre se *O Processo* pertence ao registro cômico ou ao do absurdo, em lugar de procurar o lugar de Kafka no pensamento europeu. (2009, p. 28-30).

No enxerto, podemos reparar que a subversão metodológica proposta pelo filósofo não se precipita contra o currículo escolar, mas vai ao encontro deste currículo, no sentido do que a BNCC aponta para a fruição no ensino de literatura. Depreendemos, a partir destes contributos, a necessidade de ultrapassar um ensino de literatura em função de algo, mas estudá-la a partir do lugar de importância das próprias obras, sem necessidade de desvendar algo além do texto. Porém, o esclarecimento de que o texto é atravessado pela história é importante, razão pela qual o leitor pode realizar leituras a partir de diferentes chaves, por isso podemos conceber uma leitura de Camões numa perspectiva romântica e, portanto, sem a compreensão das chaves de leitura da época do poeta. Entendemos que uma interpretação não invalida a outra, mas nos mostra o que a obra pode dizer.

Estas reflexões nos apontam a uma indagação pertinente à prática docente: qual a importância do ensino de literatura nas escolas da educação básica? Ao considerarmos, segundo Eagleton (2006) que a literatura é um discurso não pragmático, dialogamos com o fato de que a leitura de um romance é feita por prazer, ao mesmo tempo em que a literatura tem o poder de “dizer tudo”, conforme concebe o filósofo Jacques Derrida (2014). Por estas razões, entendemos que a formação de leitores é uma das atribuições da escola. Não basta a escola ofertar um rol de autores brasileiros para que os alunos saibam que existem, tampouco estudar esses autores como um mecanismo para entender o que é o narrador, ou a personagem, etc., cujas análises superficiais levam a uma aversão a certos autores e obras.

Em suma, o ensino de Literatura deve considerar a leitura das obras literárias; estudá-las a partir das chaves de leitura que abram à interpretação dos textos; oferecer aos alunos a possibilidade de encontrar as chaves que conduzam ao entendimento dos textos em si e de desenvolver a criatividade cognitiva para adentrarem na história dessas obras, visualizá-la, revivê-la, reescrevê-la, sentirem e fluírem com as leituras literárias.

Evidentemente, ao nos concentrarmos na proposição postulada por Antônio Candido sobre a literatura: (grifos do autor) “Ela não *corrompe* nem *edifica*, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (2002, p. 85), entendemos que não é pretensão da literatura a formação do cidadão. Entretanto, por trazer algo em que só pode ser recebido livremente, não se cabe conceber a literatura como um mecanismo prescritivo. Portanto, sem a pretensão de fazer o bem, ou o mal, ela humaniza justamente por fazer viver. Sendo assim, compreende-se que o ensino de literatura deve ultrapassar as abordagens funcionalistas apresentadas anteriormente e centrar-se nos meandros do próprio texto, tendo em vista o letramento literário e o próprio processo de humanização dos alunos a partir destas leituras.

Neste aspecto, compreendemos o que o escritor búlgaro afirma sobre a literatura: “A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver” (TODOROV, 2009, p.76). Mais adiante o linguista afirma que:

Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano. Que melhor introdução à compreensão das paixões e dos comportamentos humanos do que uma imersão na obra dos grandes escritores que se dedicam a essa tarefa há milênios? E, de imediato: que melhor preparação pode haver para todas as profissões baseadas nas relações humanas? (TODOROV, 2009, p. 92-93).

Consoante a esse raciocínio, o ensino de literatura imprescindivelmente precisa penetrar às malhas textuais das obras literárias, para formar, segundo Evelina Hoisel (2019), “leitores astuciosos”, uma vez que a obra de ficção convoca uma imaginação leitora. Desse modo, o professor precisa orientar os alunos à construção de um repertório literário, para que o estudante possa através dos diversos textos literários compreender o que Hoisel chama de malha cultural.

Assim, ao partirmos desse pressuposto sobre a literatura em sala de aula, podemos compreender que ela pretende formar leitores e, principalmente, formar seres humanos autônomos: capazes de fazer escolhas dentro de suas possibilidades existenciais; capazes de usar bem a língua, isto é, saber como e onde usar a norma culta sem desprezar as variedades linguísticas; enfim, capazes de compreender e respeitar as diferenças culturais que os cercam.

Letramento literário

Já entendemos que a formação de leitores é um dos requisitos fundamentais para o ensino de literatura. Ao tomar essa expressão de um modo mais amplo, compreendemos igualmente que o ensino de língua materna é alicerçado no letramento do aluno. Entendemos que a sociedade letrada, da qual fazemos parte, exige aquele leitor astucioso e não apenas o da literatura, mas também o da vida.

A experiência com a sala de aula nos faz entender que os jovens já chegam nas escolas, sobretudo no Ensino Médio, com algum contato com a literatura. Poucos têm conhecimento dos clássicos, mas a grande maioria é ciente da existência dessas obras literárias, muitos até portam o desejo de ler tais obras, mas ainda não têm condições, seja por questões financeiras ou culturais. Além disso, a relação do ensino e da literatura precisa ser repensada, segundo Rildo Cosson:

No ensino médio, o ensino de literatura limita-se à literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária, em sucessão dicotômica entre estilos de época, cânone e dados biográficos dos autores [...]. Os textos literários, quando comparecem, são fragmentos e servem prioritariamente para comprovar as características dos períodos literários. (2009, p. 21).

Ao tomarmos essa elucidação do professor Cosson e a colocarmos ao lado da concepção de leitor proposta pela doutora Evelina Hoisel, a qual estabelece ao leitor o seguinte lugar:

Ao leitor cabe assim a tarefa de armar, de montar, isto é, de entrelaçar esta pluralidade de sujeitos, de identidades, de histórias, sem procurar enquadrá-la em uma lógica ou gramática narrativa com o objetivo de compreendê-la em termos de totalidade e completude. O texto solicita ao leitor nos seus diversos meandros um movimento de acréscimos, de substituições, de suplementos, no qual significações se superpõem a significações em um gesto incessante que monta e dispersa ficções de ficções, paradoxos de paradoxos. (2019, p. 95).

Podemos compreender, resumidamente, a eminência de um paradoxo: de um lado nos deparamos com uma realidade que urge ser ultrapassada, do outro temos a necessidade da formação de um leitor que seja capaz de adentrar aos meandros que o texto literário solicita. Evidentemente, a formação de leitores é um dos atributos da escola, ao mesmo tempo em que é uma práxis social, entendemos que essa formação precisa passar pela capacidade de reflexão exigida pelo texto e para isso um repertório cultural e literário faz-se necessário à vida do estudante.

Em virtude das reflexões apresentadas, podemos vislumbrar a importância do ensino de literatura e a necessidade de se ultrapassar um ensino meramente fundamentado na história literária. Por estas razões, desenvolvemos um plano de aulas baseado nas obras, diante do curto espaço de tempo apelamos para as adaptações fílmicas. Em síntese, o objetivo principal das aulas foi apresentar uma gama de obras literárias, entre clássicos e não clássicos, para que os alunos compreendessem a importância da literatura em suas vidas.

Planejamento e abordagem didático-metodológica

O ensino tradicional de literatura na educação básica e o consumo das obras do cânone literário brasileiro ainda é fortemente associado a um elitismo intelectual cristalizado e em constante manutenção no imaginário social. Parte da responsabilidade desse olhar elitizado para a leitura e para o leitor pode ser delegado à visão – ou ilusão – de que a Cultura é única e um dos atributos que distingue os socialmente superiores dos inferiores. Seguindo essa linha de raciocínio, de acordo com Veiga-Neto (2003), a escola foi tomada pelo Estado como um instrumento de regulação e uniformização da sociedade e, conseqüentemente, esse conceito foi imperativamente incorporado à cosmovisão de um corpo social. O produto da manutenção dessa abordagem elitista e monoculturalista da leitura e do ensino da literatura é, sucessivamente, o afastamento dos jovens da educação básica do estudo de literatura e, conseqüentemente, do consumo literário.

Somando essa realidade aos estudos literários e de prática de ensino ao decorrer da graduação, é inegável a urgência de um rompimento com os atuais moldes de ensino de literatura na educação básica. A incumbência de desenvolver um projeto de Literatura solto das correntes do ensino tradicional é desafiadora para um grupo de estudantes de licenciatura. O desenvolvimento e aplicação desse projeto em modalidade remota, em um contexto pandêmico que completara um ano, é ainda mais desafiador. Por conta disso, o projeto foi alicerçado na necessidade e no desejo de construir uma disciplina de literatura cativante e prazerosa, cuja eficácia ultrapassasse os protocolos de estudo para exames vestibulares.

Ao cabo das duas primeiras semanas de encontros do projeto geral, nós, residentes, já conhecíamos os alunos, ainda que parcamente, por conta do questionário de sondagem solicitado aos alunos e dos contatos nos encontros online. As contribuições no chat e em áudio eram, predominantemente, voluntárias, assim como a participação dos alunos na aula. Desse modo, propomos a uma aluna a leitura de um texto autoral durante o encontro. A aluna prontamente aprovou a ideia e, assim, vimos o primeiro passo para a execução de um

planejamento que andasse na contramão da atmosfera tradicionalista que não envolve ativamente o aluno na aula.

O grupo de alunos integravam o primeiro ano de dois cursos técnicos da escola. Por conta disso, nosso planejamento contava com a discussão do que é literatura, gêneros clássicos e as razões para consumir literatura clássica, assuntos pertinentes ao início do curso de literatura do ensino médio. Os três pontos foram abordados em dois encontros de 3 horas.

Para a aplicação da aula em modalidade remota, contamos com as ferramentas de tecnologia da informação disponíveis. Nas semanas que antecederam as aulas, indicamos a obra cinematográfica *Sociedade dos Poetas Mortos*. Para a exposição dos conteúdos, construímos apresentações em *PowerPoint* com tópicos a respeito dos assuntos, imagens de livros e do filme, curtos textos de conceituação e vídeos. Para promover uma conjuntura interativa, ainda que em um encontro online, entre os alunos a respeito do objeto de estudo discutido em aula, utilizamos a ferramenta *Jamboard*.

Na atividade proposta no *Jamboard*, no primeiro encontro, os alunos registraram suas conceituações individuais acerca de literatura, enquanto liam os registros dos demais colegas. Ao transpormos e adaptarmos a seguinte proposição de Calvino (2002, p.7) para a atividade didática proposta no *Jamboard*: “Se os livros permaneceram os mesmos (mas também eles mudam, à luz de uma perspectiva histórica diferente), nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento totalmente novo.” promovemos ao aluno uma reflexão menos automática a respeito do conceito individual registrado, isto é, uma revisitação, basicamente, instantânea ao conceito do objeto em discussão. Por efeito, alguns alunos editaram seus registros e escreveram outras conceituações ou lapidaram as que já haviam registrado.

A fim de atrair o aluno para uma participação ativa e curiosa na aula de Literatura, o uso de produções e registros audiovisuais foi a peça chave para o trabalho com um grupo de jovens engajados com a tecnologia. Nos dois encontros, os alunos expressaram o gosto pelo cinema e pela leitura. Alguns somente pelo cinema, outros pelas duas categorias. Nos dois encontros, foi possível perceber como o cinema pode ser um convite ao consumo de literatura, pois, boa parte das obras citadas por nós, já era conhecida pelo grupo por intermédio das adaptações cinematográficas. Na segunda aula, durante o debate sobre o consumo dos clássicos, os alunos afirmaram conhecer obras de autores brasileiros, como Jorge Amado, por terem assistido as adaptações de seus romances para o cinema e para a dramaturgia. Durante a aula, parte do grupo demonstrou interesse em ler as obras de Jorge Amado. Sendo assim, a aliança entre a literatura e outras manifestações artísticas deve ser vista como uma aliada em projetos pedagógicos na educação básica e um recurso para a jornada de letramento literário.

À vista disso, o rompimento com os moldes tradicionais de abordagem e ensino de literatura na educação básica, apesar de desafiador, é enriquecedor e é, de fato, eficaz para o letramento literário do estudante de educação básica. A experiência literária de um estudante da educação básica é eficaz e prazerosa ao deixar de ser obrigação para fazer sentido além dos muros da escola. Conforme afirma Jorge Larrosa:

Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. E esse saber da experiência tem algumas características essenciais que o opõem, ponto por ponto, ao que entendemos como conhecimento. (2002, p. 27)

Unindo as palavras de Larrosa (2002) à emergência de ressignificação cultural da literatura na escola, o ensino da literatura pautado na participação ativa do aluno por meio de produções, (re)construções conjuntas de conceitos, relatos sobre o consumo de adaptações artísticas de obras literárias caracteriza o planejamento, desenvolvimento e aplicação do nosso projeto.

Depoimentos sobre o projeto

Apresentaremos, a seguir, depoimentos que solicitamos a alguns dos alunos que participaram das aulas de literatura, com o intuito de compreendermos como foi a recepção do projeto e das aulas. Para resguardar a identidade dos alunos apresentaremos apenas as iniciais dos seus nomes.

A Residência Pedagógica foi excelente pra mim, aprender mais sobre literatura e língua portuguesa de uma maneira diferente e divertida foi uma experiência incrível. Adequar o ensino às necessidades de cada um é uma das formas de promover o aprendizado de forma mais fácil e interativa aos alunos, e a Resistência Pedagógica atingiu o ponto certo nessa questão. Espero que haja mais momentos como esse de aprendizado mútuo e interação entre professores e alunos, parabéns pelo projeto!! (A. L. G.)

O projeto Residência Pedagógica nos ajudou bastante a entender a literatura, nos incentivou a criar um hábito de leitura e principalmente nos trouxe conhecimentos que vamos utilizar ao decorrer do ensino médio e na vida toda. As aulas foram bem didáticas e de forma fácil de serem compreendidas por todos. (J. B. R.)

O RP no CETEP, foi um projeto super organizado e produtivo, com conteúdos interessantes, e explicações maravilhosas, nos ajudando a entender com mais facilidade o conteúdo. Os professores foram muito compreensivos e profissionais, respeitaram as dificuldades dos alunos, e sempre se preocuparam em esclarecer nossas dúvidas. As dinâmicas de ensino eram interativas, fazendo nós nos divertir enquanto aprendíamos. As aulas eram muito produtivas, sempre deixando um gostinho de quero mais no final. Fazendo nos ficar ansiosos pra próxima aula. (E. A.)

- “Eu gosto muito de leitura, principalmente dos clássicos, e gosto mais ainda de escrever”.
- “Vários livros estão entrando na minha lista para ler”.
- “Vou voltar a rabiscar e ver no que dá, essa aula me inspirou bastante. Vou ler novos livros e buscar novas informações”.
- “Amei a aula, muito boa mesmo!”

(Observações da aluna C. R., ao longo da aula)

Minhas impressões sobre as aulas foram boas. Pois durante o percurso das aulas ouvi vários momentos de interação e aprendizagem, a aprendizagem de conteúdos não se voltou somente para uma coisa, mas englobou vários pontos, e a interação entre os alunos foi ótima pois alguns alunos não tinham se conhecido e interagido ainda. (J. O. L)

Com os depoimentos, avaliamos que a recepção das aulas de literatura alcançou os objetivos empreendidos inicialmente, a saber: a importância da formação do leitor. Entendemos que esse processo se inicia antes das salas de aula, mas alcança um maior nível de formação no ambiente escolar. Analisa-se, com a exposição dos alunos, que a literatura é esse elemento humanizador, que não deve ser visto a partir de um utilitarismo, mas como aquilo que é intrínseco à existência humana.

Para os olhos do senso comum, a disciplina de Literatura na educação básica consiste em um espaço para a leitura de clássicos da literatura brasileira de modo linear, sistemático e,

sobretudo, elitizado. Por ser uma noção há muito tempo sólida a respeito da literatura na escola, o aluno, ao começar o ensino médio, já tem consigo expectativas pessimistas, posto que o modo pragmático de abordar a literatura não impulsiona, pelo contrário, inibe o desenvolvimento da formação de um aluno leitor (COSSON, 2020). Com base nisso, os depoimentos dos alunos ilustram o efeito impulsor de uma abordagem que rompa com o tradicionalismo, sendo um caminho com um expressivo potencial para o letramento literário na educação básica.

Observamos com as amostras acima, acerca dos depoimentos dos alunos, uma conciliação entre as propostas teóricas aqui apresentadas em relação ao ensino de literatura na educação básica e a prática empreendida através do Programa Residência Pedagógica. Com os relatos dos estudantes e sob a orientação docente progredimos no aspecto por meio do qual a formação acadêmica, na busca por respostas ao nível didático-metodológico do ensino básico de literatura, propõe um trabalho a partir da proposição de um letramento literário. Por estas razões, concebe-se que a literatura em sala de aula tem a função de formar leitores e sujeitos autônomos.

Conclusão

O trabalho apresentado expõe uma realidade sobre o ensino de literatura que urge ser revista. Ressaltamos que o foco desta disciplina recaia sobre as obras literárias e a formação de leitores, sendo, portanto, um importante instrumento para o letramento literário dos alunos, logicamente sem desprezar as contribuições do currículo disciplinar. Elucidamos a importância do estabelecimento de um itinerário de leituras de obras literárias como prioridade no ensino médio, sem cair no risco do biografismo ou de um historicismo literário, mas no desenvolvimento da competência leitora dos alunos. Para isso, se faz necessário o desenvolvimento estratégico de mecanismos para compreensão textual; o reconhecimento das intertextualidades entre as obras literárias; o amadurecimento da habilidade leitora e a formação de leitores perspicazes. Sabemos que pode ser árduo e, em certo sentido, até mesmo solitário, o trabalho do professor de literatura em orientar uma turma de jovens e adolescentes a encontrar uma inclinação pessoal à literatura. Mas essa é uma das propostas pedagógicas por meio da qual dedicamos horas de planejamentos, estudos e pesquisas, numa dimensão dialógica entre a literatura e as outras artes, principalmente a cinematografia, para a execução das aulas no primeiro módulo das atividades do Projeto Residência Pedagógica.

Referências:

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Rev. Bras. Educ. 2002, n.19, pp.20-28.

BRASIL. Ministério Da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Companhia das letras, São Paulo, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. 1 ed., editora 34, São Paulo, 2002.

COSSON, Rildo. *Letramento literário, teoria e prática*. Editora Contexto, São Paulo, 2009.

_____. *Leitura cumulativa como Letramento Literário*. Rev. ENTRELETAS (Araguaína). Set./Dez. 2020, n. 2, pp. 205-216

DERRIDA, Jaques. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. UFMG, Belo Horizonte, 2014.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 6 ed. Martins Fontes, São Paulo, 2006.

HOISEL, Evelina. *Teoria, crítica e criação literária: o escritor e seus múltiplos*. 1 ed. Civilização brasileira, Rio de Janeiro, 2019.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. DIFEL, Rio de Janeiro, 2009.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Cultura, culturas e educação*. Rev. Bras. Educ. n.23 Rio de Janeiro, 2003.

SOBRE AS AUTORAS:

Claudinécia do Prado Souza

Graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Bolsista do Programa Residência Pedagógica – Subprojeto de Língua Portuguesa e integrante do Grupo de Pesquisa no Projeto Letras Indígenas Contemporâneas. E-mail:

claudinecia.ps@gmail.com

Larissa Felicidades dos Santos

Graduanda em Letras Modernas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Bolsista do Programa Residência Pedagógica – Subprojeto de Língua Portuguesa. E-mail:

santoslarissa611@gmail.com

Zeneide Paiva Pereira Vieira

Doutora em Memória: Linguagem e Sociedade – UESB. Professora adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL/UESB. Docente Orientador do Programa Residência Pedagógica – Subprojeto de Língua Portuguesa. E-mail:

zeneide.paiva@gmail.com